

1º Expedição Manaus/Belém de Canoagem



Vanessa Wosniak
Fotografias

Imaginem um pouco... "Depois da chuva forte que fez do meio dia um fim de tarde apavorante, enxergamos novamente o Rio Amazonas e em sua margem direita a cidade de Parintins. Com os caiaques cheios de água e os corpos castigados pelo esforço em vencer o forte banzeiro que caiu sobre nós aquele era mais um porto em nosso longo caminho... O rosto marcado e os traços ancestrais falavam mais que o líder Sateré Maué. O sorriso acanhado não deixava dúvidas de sua história naquela parte do Amazonas... A comunidade se destaca no alto do morro. Na escola a criança esboça além de surpresa, contentamento. Os binquedos parecem brilhar aos olhos inquietos e aflitos. Depois de receberem escovas e pastas de dente o desabafo emocionado de uma das mães mexe intimamente com a equipe - Nossos filhos estão sem estudar, não temos mais professor aqui... A balsa manobra bem à nossa frente e espera a pequena canoa encostar, é o início de uma cena que se repete na região do estreito de Breves... Madeiras falidas, desemprego um caos social que transporta meninos e meninas ao submundo do trabalho precoce e prostituição infantil... - A pintura da escola é a mesma há 5 anos. Todos aqui sabem de seu papel e esta escola está de portas abertas à comunidade - Diz o diretor da escola pública orgulhoso do trabalho que se tornou referência na região do Marajó de Floresta"...

O que parece uma história só é a realidade compartilhada por pessoas distintas e comunidades reconhecidas pelo mesmo rio de experiências diferentes. Um complexo paradoxo que nos desperta para um mundo novo e inexplorado. Apenas um trequinho da Amazônia que todos falam, alegam, fomentam, dizem proteger preocupadamente, mas desconhecem sua grandeza sociocultural. Ao fim desta história observaremos que o drama vai continuar, que para uns o tempo nem chegou e tão rápido se foi para outros. Nossa missão só foi concluída porque exemplarmente nos dispusemos e acreditamos em um projeto, e, depois de desenvolvido nos revelou o quanto a grande Amazônia precisa de gente pequena e atitudes notáveis para sobreviver.

Amaral Augusto
Jornalista





Uma expedição e muitos objetivos

Qual é a função do esporte? Manter a saúde? Superar limites? Unificar os povos? E se além disso a prática esportiva tivesse como função mais importante ajudar o próximo? Pois esse é o objetivo da expedição de caiaque que percorre o Rio Amazonas há três anos. No início os objetivos eram apenas esportivos, mas a partir do primeiro contato com as comunidades ribeirinhas, em 2008, quatro expedicionários decidiram fazer mais. No ano seguinte, recolheram donativos e com quase nenhuma estrutura viajaram pelo Rio Amazonas a fim de retribuir o carinho e atenção que tiveram no passado.

A idéia deu tão certo que Evaldo Malato, professor de canoagem e idealizador da expedição, decidiu que precisava fazer mais. Em 2010 uma equipe de 16 expedicionários, entre eles canoístas, jornalistas, fotógrafos, professores partiram da cidade de Manaus, no Amazonas e percorreram até Belém, no estado do Pará, mais de 2.500km. Ao contrário do ano anterior, a expedição não levou apenas donativos. Entre os objetivos estiveram também mostrar as belezas naturais dos estados do Pará e Amazonas, sensibilizar a população a respeito da importância da preservação ambiental da região, valorizar e enaltecer os hábitos e costumes do povo brasileiro destas regiões e divulgar e massificar a prática da canoagem em todo o Brasil.

Foram doados mais de 20 mil livros didáticos, centenas de brinquedos e dezenas de kits de higiene bucal e cestas básicas. Mas estes itens não eram apenas deixados nas comunidades.

Foram promovidas palestras educativas a respeito da importância da saúde bucal e higiene, oficinas ensinando a confeccionar coletes salva-vida com garrafas pet, atividades recreativas para as crianças que recepcionavam os expedicionários nas comunidades ribeirinhas e a apresentação da canoagem como esporte. Sim, porque muitos ribeirinhos não têm idéia de que algo que fazem rotineiramente e que para eles é tão simples, remar, já é considerado um esporte.



Prof Evaldo Malato dando oficina de canoagem



Prof Evaldo Malato ensinando a fazer colete salva-vida com garrafa pet

“Além de ajudarmos essas pessoas, vimos que a canoagem tem tudo para se desenvolver na região. Desde antes da descoberta do Brasil a canoagem é praticada aqui, mas somente nestes últimos vinte anos é que ela chegou ao Brasil como uma modalidade esportiva, e somente este ano (2010) que conseguimos o reconhecimento da modalidade “Canoagem Tradicional” entre as demais já existentes no quadro da Confederação Brasileira de Canoagem. Tenho certeza que ainda verei a canoagem como um dos esportes mais queridos e praticados em nossa região”. É com essa certeza que Evaldo Malato continua realizando seus projetos envolvendo canoagem pelo norte do país. E a expedição que foi retratada nesse livro é só mais um deles.



As principais cidades e locais estratégicos para repouso e reabastecimento do barco de apoio com novos donativos, alimentos para a tripulação e descanso dos canoístas foram realizadas nas cidades de Rio Preto da Eva, Novo Remanso, Itacoatiara, Urucurituba, Urucara, Parintins, Juruti, Santarém, Monte Alegre, Prainha, Almerim, Gurupá, Breves, Curralinho e São Sebastião. Mas além dessas cidades a expedição passou por mais de 50 povoados de difícil acesso que se encontram às margens do Rio Amazonas.

A viagem teve duração de 27 dias e foram percorridos aproximadamente 2.500km. As fotografias contidas nesse livro foram tiradas durante os dias 20 de abril a 17 de maio de 2010 e contam apenas um trecho da história de uma Amazônia já tão explorada, mas que ainda necessita de ações como esta expedição para continuar tendo esperança.



A Expedição Manaus/Belém de Canoagem conta com apoio da Confederação Brasileira de Canoagem, Governos do Estado do Pará e Amazonas, Amazon Sat (Canal 44), Prefeitura Municipal de Belém, Programa Ação Social, Nova Pontual, Escola Santa Emília, Solve Engenharia, Canto Advocacia, Enart, Transmare, Netfiber, Corpo de Bombeiros, Polícia Militar e Marinha do Brasil.



Comunidade Nova Cezaréia - abril 2010

A primeira parada da expedição aconteceu em uma comunidade do município de Paraná da Eva, onde vivem aproximadamente 14 famílias.



Itacoatiara - abril 2010

Itacoatiara é a terceira cidade mais populosa do estado do Amazonas. A parada na cidade foi para interagir com as crianças que ansiosas gritavam na praça ao verem os caiaques.



Comunidade Augusto Montenegro - abril 2010

Localizada no município de Urucurituba - AM, lá moram 150 famílias. A base da economia está na produção de cacau de várzea e em frente à igreja da praça foi possível ver as amêndoas secando.





Comunidade Augusto Montenegro - abril 2010

Na comunidade é grande o número de crianças e quase proporcional a ele é o número de cachorros, por esse motivo muitas crianças têm problemas de pele. As mães contam que não há farmácias nem postos médicos por perto e quando avistam visitantes têm sempre a esperança de estarem trazendo remédios.









Comunidade Castanhal - abril 2010



Comunidade Castanhal - abril 2010



Comunidade Nossa Senhora de Fátima - abril 2010

A comunidade com cerca de 50 famílias, a maioria parentes de 2º e 3º graus, fica num morro de cerca de 300 metros. Além de ser um belo mirante ao Rio Amazonas, a comunidade foi uma oportunidade de vivenciar as dificuldades pelas quais passam os ribeirinhos. Eles esperavam por um professor há mais de 3 meses.





Embora haja escola e muitos alunos, não há educadores em Nossa Senhora de Fátima.



Comunidade São Francisco - abril 2010

Localizada na divisa dos estados do Amazonas e Pará, é uma comunidade pequena e bem organizada, com escola, igreja e até um ponto de comércio. Os expedicionários realizaram palestras para as crianças e deixaram informativos sobre educação ambiental.



Ilha do Valha-me Deus - abril 2010



Ilha do Valha-me Deus - abril 2010

A Ilha do Valha-me Deus é uma comunidade exemplar. Além da criação de búfalos, eles pescam e fazem artesanato como fonte de renda. Na escola há internet para as crianças e muitos pais têm aulas de supletivo à distância no período da noite. As tarefas diárias são realizadas em regime de mutirão, todos se ajudam para manter a comunidade em perfeita ordem.



Ilha do Valha-me Deus - abril 2010

Morador da comunidade pescando com arpão no lindo fim de tarde da região amazônica.



Comunidade Sagrado Coração - abril 2010



Comunidade Nossa Senhora das Graças - abril 2010



Comunidade Santa Cruz - abril 2010



Comunidade São Lázaro- abril 2010



Comunidade Livramento - abril 2010



Rio Amazonas - Pará 2010





Santarém - Pará 2010

A cidade de Santarém, importante pólo turístico do Pará, marcou a metade da Expedição Manaus/Belém de Canoagem. Depois do reabastecimento do barco, dos livros e donativos a viagem seguiu por mais 14 dias.







Navegar pelo Rio Amazonas, o mais volumoso do mundo, pode ser encantador e ao mesmo tempo assustador. De repente o céu se fecha e é como se a escuridão fosse tomando conta da luz. A chuva cai torrencialmente e de repente se vai tão rápido quanto surgiu.



Rio Amazonas, Pará - Maio 2010



Comunidade Bom Jesus - maio 2010

O líder comunitário Clauri Silva diz que vem batalhando há anos pela construção de uma escola na comunidade Bom Jesus, no Paraná dos Macacos. São aproximadamente 100 alunos tendo aulas em um velho barracão sem estrutura apropriada para abrigar e separar as crianças, que são de idades e classes diferentes.





Gurupá - maio 2010

Aqui a expedição entra na Ilha do Marajó. A cidade de Gurupá tem aproximadamente 27.000 habitantes. As crianças tem o costume de ir até os barcos com suas canoinhas para fazer amizade e pedir dinheiro e doces aos visitantes.







Bom Jesus de Breves - maio 2010

Comunidade formada por famílias que trabalham nas madeiras no interior da floresta, não há outra fonte de renda, eles já não pescam, nem plantam. O caso é que essas madeiras estão deixando a região, por falta de matéria-prima e problemas com a fiscalização intensa e por consequência essas famílias ficarão sem fonte de renda. A própria escola local, que é mantida mais pelas madeiras do que pelo poder público será prejudicada.



São Sebastião da Boa Vista - maio 2010

Conhecida como a Veneza Paraense, os expedicionários já haviam passado por lá em anos anteriores. As crianças já tem seus coletes de garrafa pet e já conhecem bem os caiaques. Há até uma escolinha de canoagem: "Escolinha Esportiva José Jorge Teixeira".



São Sebastião da Boa Vista - maio 2010

Na competição de canoas, o chamado "casquinho", o expedicionário José Brito Teixeira Filho (o Peninha) não se saiu tão bem quanto no caiaque. Remar com a água quase entrando no barco não é fácil, a não ser para as crianças que desde de muito pequenas já tem na canoa seu principal brinquedo.



São Sebastião da Boa Vista - maio 2010



Comunidade Ponta Negra - maio 2010

O menino de corpo franzino corre agarrado ao maior número de livros que pode carregar, levando-os até a escola. Um sorriso tímido no rosto e talvez ainda um pouco de esperança no coração, afinal alguém ainda se lembra deles.

Equipe

Evaldo Malato - coordenador e presidente da Federação Paraense de Canoagem
José Brito Teixeira Filho - clínico geral e presidente da Associação Ecológica de Canoagem e Vela de Belém
Iran Schleder - coordenador de comunicação da Confederação Brasileira de Canoagem
Vanessa Padilha Wosniak - fotógrafa
Amaral Augusto de Souza - coordenador de projetos da Rede Amazon Sat
Jéferson Sales Macedo - cinegrafista da Amazon Sat
Wilson Farias - canoísta
Ivaldo Rostand - canoísta
José Agmarino Coelho - canoísta paraolímpico
Nivaldo Oliveira Cordeiro - canoísta
Rogério João Baggio - promotor aposentado
Maria Bernadete Baggio - professora aposentada
Humberto de Campos - aposentado pela Marinha
Francisco José Souza Santos - mestre de embarcação
Max Junior Furtado Fernandes - auxiliar de embarcação